

Viljoen vem à ribalta

Sob o título «Viljoen Vem à Ribalta», o correspondente da AIM em Joannesburg, Leite de Vasconcelos, enviou um outro artigo, publicado no «Notícias» do dia 10 do corrente mês, artigo oportuno e esclarecedor das posições ambíguas dos sul-africanos. É pensando nas pessoas que não terão lido o referido artigo (pessoas nas províncias e no estrangeiro) que reproduzimos a análise de Leite de Vasconcelos.

O General Constand Viljoen, Chefe das Forças Armadas sul-africanas (SADF) é uma das figuras militares da África do Sul mais proeminentemente mencionadas nos documentos capturados na base dos bandidos armados na Gorongosa, deu na passada terça-feira, dia 8, em Pretória, uma conferência de imprensa destinada a afirmar a sua «lealdade ao Governo».

A conferência de imprensa, classificada de «especial», foi restrita a correspondentes militares e políticos sul-africanos. Correspondentes estrangeiros acreditados na África do Sul não foram convidados.

Após a divulgação, há duas semanas, em Maputo, dos documentos da Gorongosa, perante jornalistas de mais de duas dezenas de países, foi esta a primeira vez que uma personalidade militar sul-africana se pronunciou sobre o conteúdo dos documentos.

Viljoen não refutou objectivamente os factos relatados nos diários capturados na Gorongosa. Afirmou que muitos dos factos neles referidos são verdadeiros, adiantando que a informação sobre eles fora distorcida (utilizou a palavra afrikaans «verdraai»). Sugeriu depois que «parte do conteúdo dos documentos» pode ter sido

alterada ou forjada, não tendo, no entanto, indicado nenhuma secção dos documentos divulgados que considerasse inautêntica.

Também não deu qualquer explicação acerca da sua asserção de que a informação sobre o conteúdo dos documentos fora distorcida.

De facto, Viljoen evitou o mais possível pronunciar-se especificamente sobre qualquer dos factos relatados nos documentos, apesar de alguns deles dizerem respeito à sua actualização pessoal.

Viljoen acusou «certos elementos» do Governo moçambicano de conduzirem uma «guerra psicológica contra as SADF» e de pretenderem dividir os militares do Governo.

No entanto, as declarações produzidas por Viljoen na conferência de imprensa lançam ainda mais confusão sobre as atitudes dos militares e membros do Governo em relação ao Acordo de Nkomati e aos bandidos armados.

Um jornalista presente à conferência de imprensa opinou que, depois desta «só uma coisa é certa: a tensão entre as SADF e o Departamento dos Negócios Estrangeiros e entre os seus respectivos Ministros atingiu o ponto de ruptura».

Viljoen admitiu que o Ministro dos

Negócios Estrangeiros, Pik Botha, não fora, por diversas vezes, informado sobre as acções das SADF em Moçambique, depois do Acordo de Nkomati. Mais estranho ainda, afirmou que não informara o seu próprio Ministro da Defesa, General Magnus Malan, acerca das viagens à Gorongosa do Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel.

Viljoen contradisse algumas das explicações dadas anteriormente por Pik Botha e afirmou que não concordava com a afirmação deste de que houvera «violações técnicas» ao Acordo de Nkomati.

Criticou a forma como o Ministério dos Negócios Estrangeiros conduziu as conversações de Outubro do ano passado, em Pretória.

A respeito destas, afirmou: «Eu observava dos bastidores e cheguei à conclusão de que se estava a verificar uma divisão. Os militares apoiavam a «RENAMO» e os Negócios Estrangeiros apoiavam a FRELIMO».

Círculos políticos sul-africanos consideram que uma questão fundamental neste momento é saber no que lado está o Presidente Botha no corrente conflito entre as SADF e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. A questão assumiu maior cadência após a afirmação de Viljoen de que não

Viljoen vem à ribalta

ra «permissão do Presidente» para apresentar a sua versão dos acontecimentos.

Significativo é também o facto de o Partido Conservador, da extrema direita, ter também quebrado o silêncio que mantivera até aqui, para alinhar com os militares. O porta-voz do Partido Conservador, Koss Var Der Merwe, disse na mesma terça-feira a um jornalista do «Financial Mail» ser convicção do seu Partido que nenhum oficial das SADF se comportou incorrectamente. Toda a responsabilidade «por este escândalo, maior que o escândalo da informação (que conduziu à queda do Primeiro-Ministro Vorster) pertence aos dois Bothas e a Malan».

Para além de não refutar objectivamente as violações ao Acordo de Nkomati que decorrem do conteúdo dos documentos da Gorongosa, Viljoen admitiu, pelo menos, mais uma que não está referida nos documentos.

Pik Botha declarara que não fora informado da primeira viagem de Louis Nel à base dos bandidos na Gorongosa, porque o seu Vice-Ministro receava que ele se opusesse devido ao facto de a viagem colocar em perigo a sua segurança pessoal. Contrariando a afirmação de Pik Botha, Viljoen disse agora que o Ministro dos Negócios Estrangeiros não fora posto ao corrente da excursão do seu subordinado porque se aplicara o princípio de informar dela apenas «os que precisassem de saber». E acrescentou que, para garantir a segurança de Nel, enviara para a Gorongosa «um esquadrão de pára-quedistas» — o que constitui outra flagrante violação do Acordo de Nkomati.

Viljoen defendeu as acções das SADF dizendo que elas visavam criar uma situação de paz em Moçambique, através da organização de «conversações secretas ao estilo das de Camp David» entre o Governo moçambicano e os bandidos armados.

Segundo Viljoen, se não houvesse conversações, a guerra continuaria e conduziria «ao triunfo da RENAMO». No início deste ano, Pik Botha declarou ter afirmado aos chefes portugueses do banditismo armado que o Governo sul-africano tinha a certeza de que eles não podiam vencer e de que só poderiam «continuar a destruir o País».

Pela mesma altura, em contraste com as actuais declarações de Viljoen, o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel, afirmou a um jornal britânico que, como os bandidos armados não queriam a paz, a posição do Governo sul-africano era a de que era necessário «eliminar a RENAMO» (get rid of RENAMO).

Para além desta contradição frontal entre as actuais afirmações de Viljoen e declarações públicas de membros do Governo sul-africano produzidas no período a que as alegações do chefe das SADF se referem, estas são desmentidas em absoluto pelo conteúdo dos documentos da Gorongosa.

Para mencionar apenas alguns exemplos: em 26 de Maio deste ano, o Coronel Van Niekerk transmitiu ao chefe dos bandidos uma mensagem de Viljoen, na qual este assegurava aos bandidos a amizade dos militares

sul-africanos e o trânsito dos bandidos pela África do Sul. Em Junho de 1984, uma mensagem do Coronel Van Niekerk indicava a táctica a seguir pelo banditismo armado: «... gastar o mínimo de material de guerra. Evitar combates com as FAM, devendo dar mais atenção às destruições da economia, infra-estruturas e controlo sobre a população». Em Agosto de 1984, o Brigadeiro Van Tonder e o Coronel Van Niekerk prometeram o envio de mais material de guerra e de material para terrorismo urbano.

A conferência de imprensa do chefe das SADF (que passa à reforma no fim deste mês) foi, em resumo, uma tentativa falhada de desviar as atenções da questão principal: as violações sistemáticas do Acordo de Nkomati por parte da África do Sul.

Os conflitos internos ao regime sul-africano são importantes para os próprios sul-africanos. Viljoen não fez mais do que empolá-los e chamar a atenção para eles numa conferência de imprensa que aparentemente se destinava a fazer crer que eles só existem na «campanha de propaganda» de Moçambique.

Para Moçambique — e, a este respeito, as declarações do Ministro da Segurança, Coronel Sérgio Vieira, na conferência de imprensa de há duas semanas, em Maputo, foram muito claras — o Governo sul-africano, em nome do qual o Presidente Botha firmou o Acordo de Nkomati, tem a responsabilidade de assegurar o seu cumprimento integral por todos os sectores da África do Sul. □